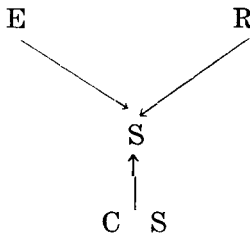


## A SIGNIFICAÇÃO LINGÜÍSTICA E A SUA ANÁLISE

João de Almeida

Toda significação tem como base o signo e, implica, naturalmente, o *emissor* e o *receptor* da mensagem, bem como a *coisa significada*. Desde que o entendimento do emissor e do receptor se encontrem no signo lingüístico, para evocar a coisa significada, estamos diante de significação.

Assim, representando graficamente o fenômeno da significação, teremos:



Para falantes só de língua portuguesa, a palavra *livro*, por exemplo, corresponde a um signo lingüístico, porque nela se encontram quem a pronuncia e quem a ouve para ambos evocarem o objeto “livro”. O mesmo não acontecerá para esses falantes em relação à palavra *book*, que por sua vez, entre aqueles que conheçam a língua inglesa, por nela evocarem idêntica *coisa significada*, também funciona como signo lingüístico.

Em geral transmitimos as nossas significações por meio de *frases*, as quais se organizam numa unidade mais ampla, que se denomina habitualmente de *discurso*. Tais frases, por sua vez, se decompõem em *sintagmas* e *palavras*, e estas na sua seqüência linear podem ainda ser partilhadas em unidades significativas menores. Chegamos então ao que se denomina

de *semantema/morfema* para Vendryes, de *monema* para Martinet, e de *morfema lexical* e *morfema gramatical* para Mattoso Câmara Jr. (1).

É preciso pois entender desde logo que, considerando o valor estrutural dos componentes de uma seqüência lingüística, nenhum desses elementos deixa de ter a sua importância significativa, desde a frase mais ampla até a menor das partículas. Reconhece-se então que a significação pode ser *léxica* ou *gramatical*. No primeiro caso está a significação dos lexemas, isto é, da parte que se refere ao mundo dos objetos, dos seres e das sensações. No segundo caso a significação parte dos morfemas, ou, como diz Mattoso Câmara Jr. (2), dos elementos que enquadram os seres, os objetos e as sensações dentro das categorias mentais da língua e servem para estabelecer as relações entre determinantes e determinados. Assim, numa frase como “A professora deu os livros de xadrez a seu filho”, se aos olhos do leitor se destacam os lexemas “professora, deu, livro, xadrez, filho”, como portadores de significação léxica, não se pode deixar de reconhecer, por outro lado, que o sentido geral do segmento demonstra que o valor individual dos termos fica em estrita dependência da significação gramatical, isto é, dos elementos da estrutura pelos quais essas palavras se põem em relação. É então ver o papel da preposição *de*, que entre “livro” e “xadrez” estabelece uma relação de especificação, ou da preposição *a*, que indica a quem se destina a ação iniciada pelo verbo. E o mesmo se poderia dizer sobre o morfema *-a* de “professora”, a revelar a categoria do feminino e do singular, sobre o morfema *-s* de “livros”, a indicar a categoria do plural, ou ainda sobre o morfema *-u*, a denunciar a 3.ª pessoa, do singular, do pretérito perfeito do indicativo do verbo “dar”.

Além dessas noções que consideram os vários níveis significativos, parece-nos bastante útil, antes de entrarmos num estudo prático, referir-nos também às noções relativas ao campo associativo, como o chama Charles Bally (3), e aproveitar o ensejo para uma ligeira digressão sobre o estudo diacrônico da significação.

(1) A divergência havida entre os lingüistas, quanto a nomenclatura, não impede que fiquem precisos os conceitos referentes à significação léxica e à significação gramatical, para os quais aqui seguiremos a oposição *lexema / morfema* de Martinet.

(2) *Princípios de Lingüística Geral*, 3.ª ed. rev., Rio, Acadêmica, 1959, § 42 e 56.

(3) Cf. S. Ullmann — *Semântica: uma introdução à Ciência do Significado*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (1967) p. 477.

Desnecessário seria lembrar que a Semântica, com abordagem verdadeiramente científica, é das mais novas disciplinas lingüísticas, tendo surgido no século XIX, com Michel Bréal, que lhe deu um tratamento especificamente diacrônico (4). As idéias de Bréal, e as que Pacheco da Silva Jr., em 1903, desenvolveu para o Português, pelo livro *Noções de Semântica*, levavam em conta fundamentalmente a evolução das significações das palavras e as razões que determinam essas alterações. Dessa forma, procurava a nova ciência explicar por que uma palavra como *formidável*, que conforme o seu étimo se ligava à idéia de receio, de medo, acabou por servir à formação de sintagmas como  *festa formidável*,  *notícia formidável*, caracterizando fatos que nos causam alegria ou satisfação (5). Igualmente, era preocupação exclusiva da Semântica verificar e tentar explicar como *vilão*, provindo do latim *villanu-*, habitante da vila, veio a ter significados depreciativos (6). Ou ainda como é que o verbo latino *plicare*, a partir da expressão *plicare velam* (dobrar as velas), resultou no nosso verbo *chegar*, enquanto no Romeno, da expressão *plicare tentoria* (dobrar as tendas), *plicare* resultou no verbo *pleca* que veio a significar *partir* (7). Numa e noutra expressão a Semântica Diacrônica reconhece uma alteração de origem social, dada a generalização havida no emprego da expressão, a partir de seu uso em grupo social determinado (no Português os marinheiros, no Romeno os soldados de infantaria). Como *plicare velam* (dobrar as velas) correspondia à chegada a um porto, o sintagma passou a expressar a idéia de *chegar*, de princípio através de seus dois elementos, posteriormente apenas pelo primeiro por um processo de contágio. O mesmo terá ocorrido com a expressão romena, com a diferença de que, referente a uma ação de soldados, o *dobrar as tendas* significava *levantar acampamento*, portanto *partir*.

Somente com os estudos de Saussure e seus discípulos, já no final do século XIX e começos deste, é que a Lingüística verdadeiramente científica ganhou a sua contraparte sincrônica e, conseqüentemente, adveio daí a nova forma de fazer também

(4) Cf. S. Ullmann — op. cit. p. 16 e sgts.; e também Pierre Guiraud *La Sémantique*, Paris, PUF, 1955, p. 7 e sgts.

(5) Cf. Francisco da Silveira Bueno — *Tratado de Semântica Brasileira*, 3.ª ed., São Paulo, Saraiva, 1960, p. 73.

(6) Idem, *ibidem*, p. 88.

(7) Cf. José Pedro Machado — *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 1.ª ed., Lisboa, Ed. Confluência. S/d., Vol. I, p. 579, verbete "chegar".

uma abordagem semântica. É bem verdade que os estudos sincrônicos, configurados numa atitude estrutural, manifestaram-se de princípio numa extensão bem definida do fato lingüístico, como é o seu plano fonológico. A seguir, a abordagem estrutural atingiu o plano morfo-sintático, chegando por último a ter vez a Semântica quanto a esse tipo de enfoque, dada obviamente a extensão indefinida do léxico de uma língua. E é com satisfação que vemos a ciência das significações revigorada em nossos dias, por novos métodos estruturais, muitos dos quais naturalmente em verdadeira fase de experiência (8). Talvez fosse ocioso citar aqui, como noções que se vão impondo, as contribuições valiosas que, além de P. Guiraud, S. Ullmann e outros, têm procurado dar a Semântica os lingüistas Bernard Pottier (9), Kurt Baldinger (10) e A. J. Greimas (11).

A noção do campo associativo ou campo lingüístico — importante para o nosso estudo — provém basicamente do conceito saussuriano de que qualquer fato lingüístico tem o seu valor relativo, sendo intimamente determinado pela estrutura a que pertence, quer no plano sintagmático, quer no plano associativo ou paradigmático ou ainda, como o prefere Roland Barthes, plano sistemático.

Dentro das relações que uma palavra paradigmaticamente apresenta, Saussure acentuava as ligações pelo significado e pelo significante, a partir da constelação semântica que tem como centro a palavra "enseignement" (12). O esquema de Saussure fazia prever uma ampliação de linhas de força que estabelecem as relações da palavra central, em razão do que Charles Bally aprofunda a idéia e discute, no artigo "L'arbitraire du signe", as três séries de idéias partidas da palavra *boi* (13). Liga Bally, respectivamente às três séries, as ex-

(8) Cf. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1970 n. 7.

(9) *Lingüística Moderna y Filología Hispánica*, Madrid, Gredos, (1968); Ver especialmente os capítulos X e XI.

(10) *Teoría Semántica*, Madrid, Ed. Alcalá, S/d.

(11) *Sémantique structurale*, Paris, Larousse (1966).

(12) A partir da palavra "enseignement", Saussure demonstra quatro tipos de associações diferentes: 1) com "apprentissage", "éducation", "instruction", etc., ocorre associação por analogia de significados; 2) com "clément", "justément", etc. há semelhança de significantes; 3) com "changement", "armément", etc., a associação tem por base os sufixos; e 4) com "enseigner", "enseignons", etc. a associação tem por base o radical. Cf. *Cours de linguistique générale*. 3.<sup>a</sup> ed., Paris, 1955, p. 173.

(13) "Le mot *boeuf* fait penser: 1) à "vache, taureau, veau, cornes, ruminer, beugler", etc.; 2) à "labour, charrue, joug", etc.; enfin 3) il peut dégager, et dégage en français, des idées de force, d'endurance, de travail patient, mais aussi de lenteur, de lourdeur, de passivité". (*L'arbitraire du signe*, in *Le Français Moderne*, t. VIII (1940), p. 195).

pressões fechadas “ruminar uma idéia”, “colocar o carro antes dos bois” e “forte como um boi (ou touro)”, em evidente demonstração de como a noção de campo associativo é importante para explicar as relações das palavras, os diversos processos analógicos, de comparações e de metáforas.

Também da parte de filósofos, psicólogos e sociólogos houve preocupações em torno de tal noção, e vale pôr em destaque aqui as importantes contribuições do filósofo alemão Jost Trier e do sociólogo francês Georges Matoré (14).

Trier é conhecido pela sua preocupação em torno dos conceitos abstratos que se ligam ao domínio da inteligência. Ao estudar, p. ex.º, as noções relativas ao *saber*, no alemão do século XIII e XIV, chegou a observar alterações profundas de estrutura que a simples mudança de um termo não fazia supor. Assim, enquanto no século XIII as palavras fundamentais para a expressão do conhecimento eram “Wisheit”, “Kunst” e “List”, no século seguinte já se encontravam como fundamentais “Wisheit”, “Kunst” e “Wizzen”. Não ocorreu, todavia, como à primeira vista se pode supor, uma simples substituição do último termo, mas em verdade uma profunda alteração decorrente das modificações por que passou a civilização medieval. No século XIII os três termos do *saber* se opunham como representantes dos princípios do Universalismo e do Feudalismo. Este se caracterizava pela oposição “Kunst/List”, o primeiro elemento significando os conhecimentos, as habilidades do homem da Corte, o segundo traduzindo os conhecimentos, as habilidades não-cortesãs. “Wisheit”, por sua vez, como um saber mais amplo, profano ou religioso, podia alternar-se com “Kunst” ou “List”. É uma estrutura que já não se encontra no século seguinte, em razão da própria desintegração do Feudalismo. “List” adquire então o sentido pejorativo de *artificio, engodo, astúcia*, e é substituído por “Wizzen”, que se opõe a “Kunst” para traduzir a noção de *ciência* em relação a *arte*. “Wisheit” não é mais alternante com os outros dois, reservando-se para o conhecimento místico, religioso.

Georges Matoré segue a linha de Trier, mas considera o campo lingüístico dentro de critérios eminentemente sociológicos. Aliás, para ele, a lexicologia é uma disciplina sociológica que se utiliza das palavras. O léxico aparece então como reflexo de todo um comportamento social. E para provar a sua

---

(14) Cf. S. Ullmann, op. cit. p. 485 e sgts., e P. Guiraud, op. cit. p. 70 e sgts.

tese desenvolve Matoré estudos da linguagem dos mais diversos setores sociais. Sua grande contribuição está no que ele chama de palavras-testemunhas e palavras-chaves. As primeiras são os neologismos que aparecem em determinada época para caracterizar um novo período social e econômico. As palavras-chaves são as palavras testemunhas que surgem como principais nas referidas épocas. Tomando exemplos do próprio Matoré (15), os termos “magasin” e “négociant” teriam funcionado como palavras-testemunhas, na França, por volta da Revolução de 1830, e como palavras-chaves, no mesmo período, os termos “individualisme”, “organisation” e “bourgeois”.

Outros estudos ainda foram feitos sobre os campos semânticos. Há que citar os de Pierre Guiraud que, unindo palavras do ponto-de-vista etimológico, chegou a formar o campo morfo-semântico da palavra francesa *chat* com cerca de 2.000 palavras, posteriormente reduzido a cerca de 300 (16). E vale também pôr em destaque o trabalho de Otto Duchacek, (17) que apresenta um extenso histórico dos estudos realizados, acompanhados de análise crítica, e chega a um esquema próprio com que equaciona o problema:

#### Campos lingüísticos

palavras

idéias

campo morfológico

campo conceitual

campo sintagmático

campo semântico

O campo morfológico é o estabelecido pelas relações exclusivamente formais das palavras, tais como as relações de homonímia, de paronímia, de radical, de sufixos, etc. As relações do campo sintagmático são as que se realizam na seqüência linear do discurso, a partir é claro das mínimas unidades de significação. Dizem respeito, por exemplo, àquelas que se estabelecem entre sujeito e predicado (caiu neve, caiu o me-

(15) Apud S. Ullmann, op. cit., p. 503.

(16) “Les champs morpho-sémantiques”, in *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, Paris, LII, (1956).

(17) “Les champs lingüistiques”, in *Philologica Pragensia*, Praha, 1960, 1, III.

nino), verbos e seus complementos (dar saltos e dar um salto), entre substantivos e seus atributos, considerando-se sempre a ligação de determinantes e determinados. O campo conceitual e o campo semântico de O. Duchacek são mais complexos. Assim, *árvore* e *montanha* pertencem ao mesmo campo conceitual porque têm como sema comum o fato de serem elementos da natureza; *beleza* e *coragem*, porque têm em comum serem qualidades humanas. O campo semântico é mais heterogêneo, envolvendo palavras pertencentes a determinadas áreas, tais como as dos nomes de parentesco, partes do corpo humano, trabalhos agrícolas, etc.

Sem haver acordo, portanto, entre os lingüistas, quanto à conceituação e aos limites do campo semântico, predomina como fundamental o fato de que as palavras não funcionam isoladas dos grupos a que pertencem, os quais lhes determinam a significação.

Bernard Pottier, por seu lado (18), só considera campo semântico aquele a que se pode impor um limite. Destaca quatro tipos de relações fundamentais das palavras, muito práticos para uma análise estrutural das significações: a *relação de oposição*, entre termos que se excluem mutuamente no plano paradigmático (cavalo/boi/gato, etc.); a *relação de inclusão*, entre um termo mais geral e incluso e os demais termos de um paradigma, como entre animal e cavalo, boi, etc.; a *relação de participação*, quando um termo é sema de outro, como entre o raciocínio e o homem; e finalmente a *relação de associação*, entre um termo e outros a que ele se prende por ligações psicológicas, sociológicas, afetivas em geral. As três primeiras, que são respectivamente as que tem o *limão*, com a *laranja*, a *fruta cítrica* e a *acidez*, se apresentam como relações mais ou menos constantes, enquanto a última, no caso o limão com o *calor*, é uma relação eventual (19).

Para se caracterizar, por outro lado, os diversos níveis ou camadas de significação, há que se pensar no significado geral de um texto e nas significações particulares que mais contribuem para essa significação geral, provindas de unidades inferiores, como vimos no início, a frase, o sintagma, o léxico e os morfemas.

(18) Op. cit. p. 102, e *Gramática del Español*, Madrid, Ed. Alcalá, (1970), p. 131 e sgts.

(19) Quase todos os exemplos das relações mencionadas foram tirados do artigo "Semântica e lingüística estrutural", de Maria Helena Duarte Marques, in *Revista de Cultura Vozes* n. 7, p. 16.

A distribuição das significações objetivas do texto em campos semânticos ajuda, com a colaboração das ligações das significações gramaticais, a traçar os eixos fundamentais que levam à estrutura significativa básica. Assim, uma significação como a de “falta ou privação” pode proceder de diversos níveis, na crônica “Notícia de Jornal”, de Fernando Sabino (20):

- “O homem morreu *de fome* (falta de alimento)
- “Morreu de fome, *sem socorros*” (falta de assistência)
- “*pobrementemente* vestido” (falta de vestimenta suficiente)
- “um homem morre de fome em plena rua, *entre centenas de passantes*” (falta de atenção e de humanidade).

Além disso, também contribuem para a significação geral de um texto os elementos conotativos, entendendo-se aqui conotação, com Herculano de Carvalho (21), como a margem emotiva-volitiva que envolve o significado, ou com Mattoso Câmara Jr. (22), como a parte da significação que corresponde à capacidade da palavra de funcionar para uma manifestação psíquica ou apelo. Então se *lar* e *casa* denotativamente oferecem identidade do significado *local onde se reside*, conotativamente *lar* acresce a margem afetiva que *une as pessoas que moram sob o mesmo teto*. É de certa forma o mesmo que entende Pierre Guiraud (23) pelo nome de valores estilísticos, divididos por ele em valores expressivos e valores sócio-contextuais, estes últimos com a propriedade de evocar certo meio, certo grupo social (ex. os termos “camarada”, “cabra valente”, etc.). A mesma noção está contida nos semas virtuais de B. Pottier (24), como caracterizadores de associações idênticas às que

(20) *A mulher do vizinho*, 4.<sup>a</sup> ed., Rio, Ed. Sabiá, (1962), p. 40 a 42.

(21) José G. Herculano de Carvalho, *Teoria da Linguagem*, Coimbra, Atlântica Ed., 1967, T. I, p. 167.

(22) *Dicionário de Filologia e Gramática*, 3.<sup>a</sup> ed. ref. e aum., Rio, J. Ozon Ed., S/d., p. 96, verbete “conotação”.

(23) *La Sémantique*, Paris, P.U.F., 1955, p. 26 e sgts.

(24) Para Pottier, *sema* é o traço mínimo distintivo da significação, podendo haver semas *específicos*, isto é, os que caracterizam os componentes particulares de determinado elemento significativo; semas *genéricos*, os traços que ligam determinado elemento a uma classe semântica mais ampla; e semas *virtuais*, os traços que correspondem a associações diversas que se atualizam facultativamente no discurso. O conjunto de semas específicos é o *semema*, dos semas genéricos é o *classema* e dos semas virtuais é o *virtuema*. Cf. *Linguística moderna y filologia hispanica*, p. 120 e sgts.



partem, por exemplo, do termo “rede” para evocar o elemento do Nordeste.

Colocadas essas considerações teóricas, tentemos ver na prática como delas ou de algumas delas, podemos valer-nos no processo da análise semântica. O texto em causa é o da crônica “Caso de conversa”, de Carlos Drummond de Andrade (25), que transcrevemos a seguir:

#### CASO DE CONVERSA

A cozinheira abriu a porta da área de serviço. De carteira de identidade e talão de recibos em punho, o desconhecido ofereceu-lhe uma chance extraordinária:

- As empregadas domésticas não são sindicalizadas, não des-
- 5 — contam para Iapês, não têm o menor amparo. Se adoecem, azar delas: o jeito é morrer à mingua. Mas com 300 cruzeiros a senhora terá direito a hospital, operação, medicamentos e tudo mais. Hospital de propriedade exclusiva de domésticas, um estouro.
- Só 300 cruzeiros?
- 10 — — Bem, até o dia 30. Do mês que vem em diante, custa 10.000 cruzeiros. Aproveite enquanto o dólar está a 1.100 e assinhe este formulário de inscrição.
- Assinar o que? Não sou escritora que nem meu patrão, que vive assinando livro na livraria. Eu mexo é com colher.
- 15 — — Estou vendo que a senhora é desconfiada, no que faz muito bem. Hoje em dia, nem na gente mesmo a gente deve confiar. Mas isto é diferente. Estão aqui as plantas, fotografias da maquete, nomes da diretoria, pessoal de responsabilidade.
- Hospital na planta, moço? É demagogia.
- 20 — — Daqui a pouco vai existir em Coqueiros, sim senhora, e quero só ver o seu vexame quando passar por lá.
- Então me procura mais tarde, que agora estou muito ocupada lavando panela.
- Quando não tiver mais lugar de sócio fundador privile-
- 25 — giado, né? Está assim de candidato. A senhora se arrisca a ficar como sócia cooperadora não privilegiada, sem direito a acompanhante que não paga diária.
- Estou somando? Quem me acompanha é Deus, que nunca pagou diária.
- 30 — — Quer dizer que é solteira.
- Com a graça de Deus.
- Me desculpe se estou avançando o sinal, mas não acho graça de Deus nenhuma nisso.
- Está desculpado. Acontece que não é da sua repartição.

(25) In *Cadeira de Balanço*, 2.<sup>a</sup> ed., Rio, Livr. José Olympio, (1968), p. 19 e sgts.

- 35 — — Eu sei. Falei porque desejo o seu bem-estar .  
 — 'brigada.  
 — Não tem de quê. Sendo doméstica e solteira, são duas razões pra se defender, assinando este papelzinho.  
 — Eu, hein? Então o senhor pensa que ilude assim uma
- 40 — mineira de Manhuaçu?  
 — Uai, a senhorita é mineira? Também sou de lá.  
 — De lá daonde?  
 — De Ubá.  
 — Ara, mineiro querendo tapear mineiro. Estou te estran-
- 45 — nhando, criatura.  
 — Credo: tapear, eu? E logo uma distinta patricia da Mata. Até parece que foi a luz da minha finada mãe que me guiou até aqui.  
 — Pra eu te passar 300 cruzeiros?  
 — Quem falou em 300 cruzeiros? Ela ia fazer uma coisa
- 50 — dessas? Me guiou para meu bem, está na cara. No meio de mil empregadas do Estado do Rio, do Espírito Santo, do Nordeste, por que é que eu vim procurar logo uma moça de Manhuaçu, terra da família de minha santa mãe, que está lá no alto? Me diga, se é capaz? Pra vender esse troço de cota de hospital que
- 55 — uma garota como você não precisa nem vai precisar nunca, e sei lá até se funciona ou se fica no vou-te-contar? Não, ela não me fazia isso. Foi pra te conhecer e fazer nossa felicidade, bem. Mas como é mesmo o teu nome, anjo de Deus no Leblon?  
 Menos uma cozinheira.

(in Carlos Drummond, *Cadeira de Balanço*)

## 1. ESTRUTURA DO TEXTO

Fácil será, em relação ao texto em causa, observar a estruturação que configura a importância fundamental do diálogo para a composição total. Fora realmente da parte dialogada, há apenas os dois períodos iniciais (linhas 1 a 3) e o curto período final (linha 59), pertencentes ao narrador e que funcionam respectivamente como introdução e conclusão do discurso, cabendo o desenvolvimento deste ao diálogo entre os personagens *cozinheira* e *vendedor*.

## 2. CAMPOS ASSOCIATIVOS FUNDAMENTAIS

Levando em conta as relações de contigüidade e de similaridade, por significantes e por significados, ou dito de maneira mais ampla, considerando dentro do texto as possibilidades de ligações sêmicas entre as suas próprias expressões, podemos reunir vocábulos ou expressões fundamentais em torno de seu

núcleo. Assim é possível compor três blocos, que põem em relevo as verdadeiras constelações semânticas, em torno das quais gira a significação principal do texto: o da cozinheira, o do vendedor-conquistador, o da cota do hospital.

O significante “cozinheira” (linha 1) recebe o reforço significativo de “área de serviço” (linha 1), “empregada doméstica” (linha 4), “patrão” (linha 13), “eu mexo é com colher” (linha 14), “agora estou muito ocupada lavando panela” (linhas 22/33), “doméstica” (linha 37), “mil empregadas” (linha 50), com as quais constitui um grupo associativo a caracterizar a personagem feminina.

Outro personagem, o vendedor, se caracteriza a partir do oferecimento de “uma chance extraordinária” declarado pelo narrador (linha 3), definindo-se melhor pelas atitudes que o diálogo revela. É a *iniciativa* que toma na condução da conversa, iniciativa manifesta principalmente pela sua primeira objetiva intervenção (linha 4 e seguintes), ou na vivacidade que dá ao diálogo, que nunca deixa esmorecer. É o *exagero* a que chega, próprio de quem quer empurrar a sua mercadoria e que se manifesta na afirmação de que a cota, valendo no momento 300 cruzeiros, custará “10.000 cruzeiros, do mês que vem em diante” (linha 10), aumento sem dúvida considerável, difícil realmente de acontecer. É a *habilidade verbal* que, se caracteriza por um lado o bom vendedor, por outro acaba por ser o elemento sêmico que conduz naturalmente o personagem “vendedor” a transformar-se no personagem “conquistador”. E como tal o elemento masculino passa então a ser caracterizado, pela negação das próprias atitudes quando vendedor (Cf. linha 49: “Quem falou em 300 cruzeiros?” e linhas 55 e 56), negação em última análise do próprio obstáculo à aproximação dos personagens. Configura igualmente o conquistador o apelo do personagem à memória de sua finada mãe (linha 47), fato que denuncia a percepção da melhor possibilidade do recurso místico. E ainda há de se acrescentar o gradativo caminho para a linguagem mais informal e confiada (cf. linhas 49 a 59).

E por fim a “chance extraordinária”, que assume papel de verdadeira personagem, se caracteriza como *cota de hospital*, com o auxílio de todas as expressões que se lhe referem e que compõem o seu campo associativo: “direito a hospital” (linha 1), “operação” (id.), “medicamentos” (id.) “formulário de inscrição” (linha 11), “planta do hospital” (linha 19), “fotografias da maquete” (linha 17), “papelzinho” (linha 38), “troço de cota de hospital” (linha 54).

### 3. NÍVEIS DE SIGNIFICAÇÃO

Se a significação global, isto é, a significação do *discurso* está intimamente dependente das significações parciais, ou seja, dos níveis da frase, do sintagma, do léxico e do morfema, será de toda conveniência que, numa análise semântica, o nível significativo do discurso se considere de princípio como hipótese de entendimento, que poderá vir a ser confirmada, ampliada ou mesmo contrariada. Tomemos assim, no nosso texto “Caso de Conversa”, como hipótese inicial de metassemia (26).

“Um contacto comercial levou a uma ligação afetiva” ficando-nos o dever de verificar pelos demais níveis se estará aí de fato a essência significativa do texto.

Ao acompanhar então o nível da frase, não será difícil ao leitor colocar em destaque quatro frases pelo seu maior valor significativo:

- 1.<sup>a</sup> —“... o desconhecido ofereceu-lhe uma chance extraordinária” (linha 2)  
O *vendedor* ofereceu à *cozinheira* uma *cota de hospital* que representa a proposição de tudo que se desenvolve a seguir.
- 2.<sup>a</sup> “Quem me acompanha é Deus, que nunca pagou diária” (linha 28)  
É uma afirmação de um dos interlocutores, a *cozinheira*, a fazer entender ao *vendedor* e, obviamente, ao leitor que ela é *solteira*, fato novo, de grande importância para o desenvolvimento posterior da conversa.
- 3.<sup>a</sup> “Então o senhor pensa que ilude assim uma mineira de Manhauçu?” (linha 39)  
Outra intervenção da *cozinheira*, em que se revela a sua *região de origem* (Minas), idêntica à do *vendedor*, segundo fato novo que vai influir no andamento do diálogo.
- 4.<sup>a</sup> “Menos uma cozinheira” (linha 59)  
É a frase que consubstancia a conclusão do episódio e,

(26) Metassemia não tem aqui o sentido de “alteração de significado”, que lhe dá Silveira Bueno (cf. op. cit. p. 111), mas sim o de “redução sêmica que nos permite resumir um enunciado ou um texto”, conforme aparece nos artigos da Revista de Cultura Vozes n. 7.

como tal, dá-lhe a síntese significativa do resultado: a união da cozinheira com o vendedor.

Já os níveis das locuções e do léxico, vale neste texto, por conveniência de método, que sejam abordados conjuntamente, em três itens diversos:

1. A variação de tratamento, por parte do vendedor.

A um leitor atento não escapará, por certo, como elemento importante no dissolver da atitude formal de princípio assumida pelo vendedor, a variação de tratamento que o escritor habilmente coloca nas intervenções daquele personagem. Do tratamento “senhora” da linha 6, ao tratamento “anjo de Deus no Leblon” da linha 57, vai uma longa e gradativa seqüência, a tender para o informal:

- senhora (linhas 6, 15, 20 e 25)
- senhorita (linha 41)
- uma distinta patrícia (linha 46)
- garota como você (linha 54)
- *te* conhecer (linha 56)
- bem (linha 57)
- *teu* nome (linha 57)
- anjo de Deus no Leblon (linha 58).

2. A nomenclatura da cota de hospital.

O título que o vendedor oferece à cozinheira é nomeado no texto por três vezes, pelo próprio vendedor, de três maneiras diferentes. À linha 12 é “formulário de inscrição”, à linha 38 é “papelzinho” e à linha 54 é “troço de cota de hospital”, numa ordem também gradativa, a tender para o depreciativo.

3. O valor polissêmico de algumas palavras.

O que se observa neste item, para o texto em causa, é de menor importância do que o que se disse nos itens anteriores, todavia vale sempre notar em qualquer análise o valor da polissemia, não só pela evidência da importância da estrutura, como também pelo que de sugestivo pode oferecer uma palavra polissêmica. Em nosso texto, mereceriam observação as palavras *hospital*, *operação*, *vexame*, *somando*, *planta*, com destaque para o uso diverso de *hospital*, na linha 7, nas expressões “direito a hospital”, com sentido abstrato, e “Hospital de

propriedade exclusiva de domésticas”, com sentido concreto. Na mesma ordem de idéias, vale também opor o uso do advérbio de modo *assim* da linha 39, ao que faz o autor na linha 25, em que a circunstância traduzida é mais de quantidade. “Está *assim* de candidato” supõe um gesto do interlocutor, com uma das mãos, e é o significado desse gesto que se transpõe para o vocábulo em tal estrutura.

Finalmente, chegando ao nível mínimo da significação, que é o do morfema, parece-nos importante que se leve em conta:

- a) o uso variado dos demonstrativos que determinam as expressões que nomeiam o título do hospital.

linha 11/12 — *este* formulário de inscrição

linha 38 — *este* papelzinho

linha 54 — *esse* troço de cota de hospital

quando se faz evidente que o título oferecido se mantém em mãos do vendedor, do começo ao fim do diálogo, isto é, observa-se sempre a mesma distância entre a pessoa que fala (o vendedor) e o objeto do assunto (a cota), não podendo portanto haver razões gramaticais, mas sim estilísticas, que motivem a variação do pronome deítico.

- b) O uso do sufixo diminutivo na expressão “papelzinho”.

Da mesma maneira a significação gramatical do sufixo diminutivo deixa de ter razão de ser, se se confrontam as várias expressões da cota, compreendendo-se por outro lado um valor expressivo, como o quer Pierre Guiraud, ou um valor conotativo, como o diz Mattoso Câmara Jr.

- c) Caracterizadores da espontaneidade da linguagem oral.

Fatos como “pra, uai, ara, etc.” podem ser observados, com o intuito de evidenciar a maior autenticidade do diálogo, com a intenção de caracterizar a espontaneidade em sua fluência da expressão oral.

#### 4. RELAÇÕES ACTANCIASIS

Decorrentes das frases fundamentais observadas acima, poderíamos esquematizar três tipos de relações actanciais importantes, para a estrutura significativa do texto:

1.<sup>a</sup> O vendedor oferece uma cota de hospital à empregada

Act.<sup>1</sup>

Act.<sup>2</sup>

Circ.

2.<sup>a</sup> A empregada é solteira e mineira (vd. linhas 28 e 39)  
O vendedor é também solteiro e mineiro (vd. linhas 41 e 57)

Act.

Atrib.

3.<sup>a</sup> O vendedor conquista a empregada

Act.<sup>1</sup>

Act.<sup>2</sup>

A estrutura significativa revela uma alteração profunda. O elemento que figura de princípio como *Actante*<sup>2</sup> (a cota de hospital), isto é, o objeto da ação do *Actante*<sup>1</sup> (o vendedor), cede o seu lugar, no final, ao elemento que de princípio aparecia como *Circunstante* (a cozinheira). E a alteração decorre do *Atributo* (ser solteiro e mineiro), que envolve a ambos os personagens animados, entre as duas principais relações actanciais.

5. *RELAÇÕES DE OPOSIÇÃO*

A primeira oposição significativa do texto é a que, paradoxalmente, provoca todo o episódio e a sua solução. Um *vendedor* a querer impor o seu artigo, em face de uma *compradora* procurada em hora indevida e que nada quer comprar. É bem explorada essa oposição, avultando daí o obstáculo que é a *cota de hospital*. Se ao vendedor o escritor empresta, como já vimos, as idéias da “iniciativa”, do “exagero”, da “insistência” e da “habilidade verbal”, a *compradora* procurada é esboçada com traços de “desconfiada” (linhas 13 e 15), “preocupada com o seu tempo” (linhas 22/23), enfim como uma pessoa que não quer deixar-se enganar, alguns elementos sêmicos que de certa forma já antecipam a sua origem mineira.

Da resistência da empregada à compra, avulta naturalmente a cota de hospital como obstáculo ao entendimento dos dois personagens humanos e, em consequência, se estabelece a segunda oposição: a empregada de um lado, a cota de hospital de outro. Fica tão acentuada esta oposição que, em face dos elementos comuns que o diálogo oferece (ser mineiro e ser solteiro), o pender para um lado há de corresponder forçosamente ao afastamento do outro, ou, em representação gráfica, a *aproximação* da empregada (vai significar) o *afastamento* da cota:

V.	E	V. + C.H.
(senhora)		este
(senhorita)		formulário
(uma dist. patrícia)		de
(garota)		inscrição
(você)		
(tu)		este
(bem)		papelzinho
(anjo de Deus		
do		esse
(Leblon)		troço de cota de hospital
V. + E	V.	C.H.



Simultaneamente então se percebe, de um lado, um estreitamento de intimidade entre vendedor e empregada, revelada pela variação do tratamento que ele dá a ela, e de outro lado um decisivo afastamento do vendedor em face do que era objeto de sua venda, por reconhecê-lo como obstáculo às suas pretensões para com a empregada. O título do hospital que, de início, era chamado — respeitosamente, com certa distância — de *formulário de inscrição* passa a ser, afetivamente, *papelzinho* e, por último, depreciativamente, *troço de cota de hospital*, aqui ainda com a substituição do determinante demonstrativo *este* por *esse*, a confirmar o afastamento, que não físico, pelo menos espiritual.

## 6. *RELAÇÕES DE ASSOCIAÇÃO (SEMAS VIRTUAIS)*

Os elementos conotativos que no texto complementam os elementos denotativos, na direção da significação global, podem ser destacados em conformidade com a divisão de Piérre Guiraud para os seus valores estilísticos: os valores expressivos, que evocam emoções, desejos, intenções, etc., e os valores sócio-contextuais, que evocam por contigüidade a imagem dos que empregam as palavras em causa e as situações nas quais estão implicadas:

1. Como valor expressivo, poderíamos pôr em destaque as seguintes noções evocadas pelo texto:

- |    |   |   |
|----|---|---|
| a) | Oposição aproximação/afastamento — este/esse  |   |
| b) | Oposição respeito/<br>afetividade/depreciação | — formulário de inscrição/<br>papelzinho/troço de hospital        |
| c) | Idéia de exagero                              | — (de 300 para 10.000 —<br>linha 10)                              |
| d) | Idéia de humildade                            | — (Eu mexo é com colher)<br>— linha 14                            |
| e) | Idéia de franqueza<br>e espontaneidade        | — (... agora estou muito<br>ocupada lavando panela)<br>— linha 23 |
| f) | Idéia de iniciativa                           | — (princípio do texto)  |
| g) | Idéia de insistência                          | — (linha 24)  |
| h) | Idéia de confiança<br>e ousadia               | — (linhas 49 a 57)  |

2. A linguagem sem preocupação formal se manifesta no texto (ainda que o vendedor, no começo, seja formal em certa dose), a caracterizar também o nível social de ambos os interlocutores. Destaque então para as expressões:

- um estouro (linha 8); que nem (linha 13); né (linha 25);
- Estou *somando?* (linha 28); 'brigada (linha 36); pra (linhas 38 e 48); uai (linha 41); De lá daonde (linha 42); Ara (linha 44);
- Está na cara (linha 50); se fica no vou-te-contar (linha 56).

### 7. RELAÇÕES SÊMICAS FUNDAMENTAIS (27)

Seguindo os esquemas de B. Pottier (28), aqui trabalhamos com os núcleos semânticos fundamentais, em suas relações de oposição (H), de inclusão (C), de participação (W) e de associação (~), para melhor percepção da linha significativa do texto:

empregada	C patrão/cota de hospital H COZINHEIRA W mulher	~ humildade franqueza /mexocom a colher/ /lavando panela/
desconhecido	C "compradora" H VENDEDOR W homem/venda da cota	~ iniciativa (princípio do texto) insistência (linha 24) exagero (linha 10) habilidade verbal

(27) Nas nossas disposições esquemáticas, valeu-nos muito o trabalho de Dinah Maria I. Callou, "Relações sêmicas num texto de Anibal Machado", *Revista de Cultura Vozes* n. 7.

(28) Cf. Gramática del Español, p. 132 e sgts.

assistência médica (1.6)	empregada H COTA DE HOSPITAL W ação de vender/ vendedor	respeito (formu- lário de inscri- ção) afetividade (pa- pelzinho) ~ depreciação (tro- ço de cota de hospital) aproximação (es- te) afastamento (es- se)
estado civil	casado H SOLTEIRO W tratamento menos cerimonioso	~ possibilidade de casamento
brasileiro	(não-mineiro) H MINEIRO W (apego à região)	~ — possibilidade de melhor entendimento — boa conversa
vendedor	ação de vender H CONQUIS- TADOR W /ação ou intenção de conquistar/	~ — habilidade verbal — confiança, ousadia (mudança formal)
comunicação	isolamento (solteiros) H DIÁLOGO W duas pessoas	~ — remoção de obstáculo — pontos comuns — concessão — compreensão

— humano — contínuo — com- preensão	interesse material /venda da cota/ H C UNIÃO FINAL W vendedor/emprega- da	~ — felicidade — casamento
--	---	-------------------------------

## 8. ANÁLISE SÊMICA

Tomando os núcleos semânticos como unidades fundamentais, segue-se também esquematicamente uma análise sêmica, levando-se em conta o que B. Pottier chama de semas específicos, genéricos e virtuais:

<i>Unidades fundamentais</i>	<i>Semema</i>	<i>Classema</i>	<i>Virtuema</i>
EMPRE- GADA (cozinheira)	a que traba- lha a que cozinha	humano descontínuo	— humildade — franqueza
VENDEDOR (desconhe- cido)	o que vende o que fala bem	humano contínuo	— iniciativa — insistência — exagero — habilidade verbal
COTA DO HOSPITAL	que dá direi- to a assistên- cia médica	descontínuo não-humano	— respeito — afetividade — depreciação — aproximação — afastamento
SOLTEI- RA/O	— estado ci- vil de quem não casou	humano descontínuo	— possibilidade de casamen- to

<i>Unidades fundamentais</i>	<i>Semema</i>	<i>Classema</i>	<i>Virtuema</i>
MINEIRA/O	— quem nasce em Minas Gerais	humano contínuo	— boa conversa — apego à região
CONQUISTADOR	o que conquista	humano descontínuo	— habilidade verbal — confiança — ousadia
DIALOGO	Conversa entre duas pessoas, com entendimento	humano comunicação contínuo	— procura de pontos comuns — remoção de obstáculos — concessão — compreensão
UNIÃO FINAL	ato de unir-se	contínuo humano	— felicidade — casamento.

## 9. CONCLUSÕES

Dividimos as nossas conclusões em quatro partes:

## 1. Valores para o resultado do diálogo

VENDA COTA	(—)
------------	-----

SER SOLTEIRO	(+)
--------------	-----

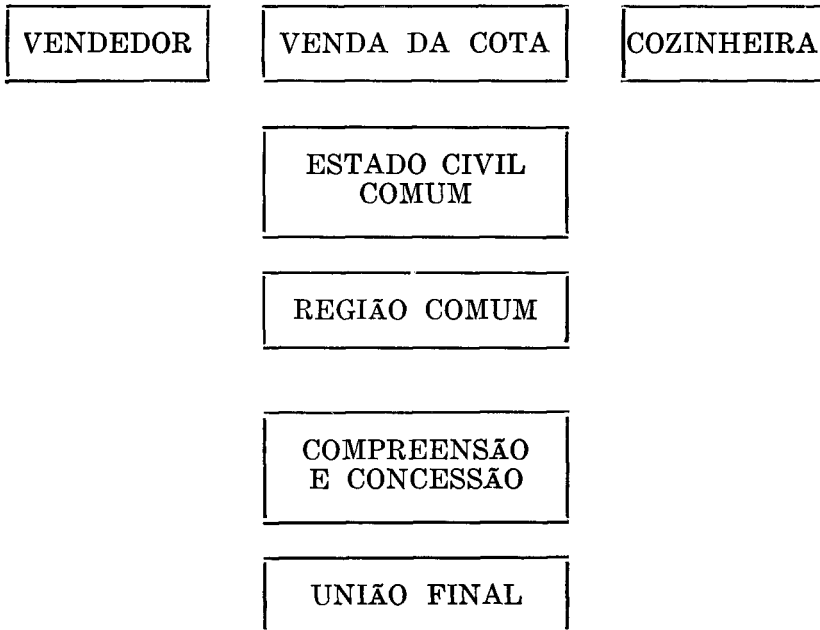
UNIÃO FINAL (+)
-----------------

SER MINEIRO	(+)
-------------	-----

Considera-se aqui especificamente o *resultado* do diálogo, isto é, o fato positivo da *união final* entre dois personagens para o qual os fatos de “ser solteiro” e “ser mineiro” são positivos, porque mudam benéficamente a direção do diálogo, enquanto a “venda da cota” se mostra como elemento negativo porque, constituindo obstáculo decisivo entre os personagens, nunca os levaria à compreensão alcançada.

## 2. Seqüência das significações

a)



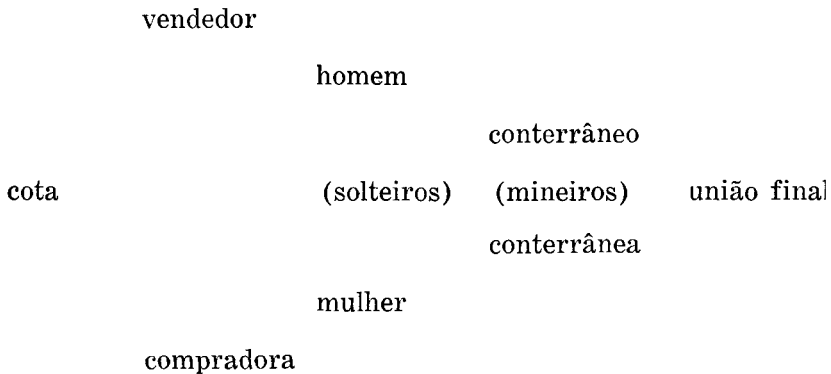
A *venda da cota* leva o *vendedor* a encontrar a *cozinheira*, mas ao mesmo tempo opõe um ao outro. O diálogo a respeito leva-os a conhecer o *estado civil comum* e, a seguir, a *origem da mesma região*, o que possibilita *compreensão* entre os dois, havendo ao mesmo tempo *concessão* de ambas as partes (ele deixa de vender a ela a cota do hospital, ela abandona o seu emprego), para que cheguem naturalmente à *união final*.

- b) O binarismo homem/mulher, na sua seqüência existencial, da oposição à união, assim se configura no texto:

Homem = desconhecido  $\Omega$  vendedor  $\Omega$  conquistador  $\Omega$  companheiro.

Mulher = empregada  $\Omega$  cozinheira  $\Omega$  mineira solteira  $\Omega$  companheira.

3. Linha do diálogo:



Ainda que a *venda da cota* tenha sido, como vimos acima, um elemento negativo para o *resultado do diálogo*, o mesmo não acontece se considerarmos o próprio diálogo, do qual a *venda da cota* é a origem, portanto o seu elemento mais positivo. Provocando o início do diálogo, a cota do hospital porém logo assume o papel de elemento distanciador, para os personagens, cuja distância vai diminuindo à medida que o diálogo traz a conhecimento serem solteiros, serem ambos mineiros. O diálogo difícil, entre um vendedor, que quer impor a sua mercadoria, e uma compradora procurada, que não tem nenhum interesse na compra, passa a ser mais fácil entre um homem e uma mulher, dadas outras possibilidades, e mais ainda entre conterrâneos, ciosos da sua facilidade de entendimento.

#### 4. Significação geral (metassemia)

Longe estamos, como vemos, daquela metassemia proposta no princípio: um contacto comercial levou a uma ligação afetiva. Se bem que nessa afirmação haja uma descrição do que sucedeu, a significação do episódio, em sua simplicidade, envolve uma verdade universal: o valor do diálogo como comunicação humana. Não comunicação de contacto, em que bastem os sons das palavras, mas como autêntica comunicação de entendimento, em que as palavras assumem o seu verdadeiro papel de significantes, para que as pessoas melhor se compreendam. Então, da oposição natural em que se encontram dois desconhecidos, mesmo em situações em que mais se opõem (o vendedor diante de uma empregada ocupada, que não tem interesse algum em comprar), pode o diálogo produzir entendimento, desde que se eliminem os obstáculos iniciais (no caso do texto a venda da cota do hospital) e se procurem os pontos comuns (no caso: serem solteiros e mineiros). E o melhor resultado final há sempre de exigir concessão de ambas as partes (no texto, o abandono da venda da cota, pelo vendedor, e o abandono do emprego, pela cozinheira).